

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 7 – O Vendaval Que Anuncia a Tormenta

I

O dia se passou de uma maneira bem comum. É óbvio que “comum” já não tinha o mesmo sentido agora. Satoshi Makoto estava muito acostumado aos mais adversos tipos de situações que a maioria das pessoas sequer poderiam imaginar, mas ter Michael e Brian no meio de algo que ele próprio não podia mensurar fez com que seu nível de preocupação alcançasse outros patamares.

Mas o dia estava mesmo comum. Satoshi deveria dar conta de verificar a validade de uma série de acordos e convênios que a Fundação Levine mantém com diversas organizações da Inglaterra e de outros países da Europa, até mesmo com os Estados Unidos e com o Egito – este último surpreendeu Satoshi. Tudo isso estava ao alcance dos conhecimentos de Satoshi Makoto, que era especialista em direito internacional, por isso recebera aquela função entre outras mais.

Uma nuvem começou a nublar o céu de Satoshi, entretanto, no momento em que Jonathan Dolton surgiu na porta do escritório que Satoshi recebeu para o trabalho. Um escritório bonito, mobiliado tão bem quanto o de Sir Ektor, embora muito menor. Quando Dolton abriu a porta do escritório, um mau pressentimento preencheu a mente de Satoshi.

– Olá, Makoto – disse o homem que acabava de entrar. Só vim buscar uns papéis antigos que estão aqui.

– Fique à vontade, meu caro.

– Marinville me pediu que lhe dissesse que ele quer falar-lhe às 7. Ele o aguardará no quarto.

– Eu devo ir até o quarto dele?

– Sim, o quarto e o escritório são o mesmo aposento.

– Tudo bem. Mensagem transmitida. Obrigado.

– Ah, aqui está – disse Dolton, ao encontrar uma pequena pasta com alguns papéis. Já vou deixá-lo trabalhar em paz, meu caro. Até uma próxima vez.

Trabalhar em paz? É verdade, por que eu não estaria em paz? Não é a primeira vez que o senhor Marinville quer falar comigo.

Satoshi repetiu essas palavras algumas vezes em sua mente, mas não conseguiu se convencer disso. Ele não pôde voltar a se concentrar no trabalho. Até que o relógio bateu as 7 horas. O convênio celebrado entre a Fundação Levine e o governo da França não recebeu um só minuto consecutivo de sua atenção depois da visita de Dolton.

Quando finalmente o horário chegou, Satoshi Makoto estava diante da porta do quarto de Joseph Marinville. Ao bater, a voz inconfundível daquele homem lhe chegou aos ouvidos para lhe conceder autorização de entrada. Satoshi Makoto obedeceu a voz e entrou no recinto.

– Quer falar comigo, senhor? – perguntou Makoto enquanto fechava a porta atrás de si.

– Sim, Jonathan lhe deu meu recado, certo?

– Sim, senhor.

Joseph Marinville estava sentado em frente a sua escrivaninha com um pequeno pedaço de papel que ele aparentemente lia. No mesmo instante em que Satoshi fechou a boca, Marinville levantou-se da cadeira e ficou de pé frente a frente com Satoshi.

– Muito bem, Makoto – disse ele –, você terá uma missão externa comigo amanhã. Sairemos daqui ao meio dia e cuidaremos de alguns assuntos em New York até

que chegue o momento em que você deverá usar sua influência com a Interpol para conseguir obter uma fita de vídeo que foi gravada no dia em que eu e alguns dos instrutores dessa fundação invadimos o Museu de História Natural.

À medida que Satoshi ouvia aquelas palavras, uma após a outra, começou a inquietar-se. Ele não esperava que Marinville e Sir Ektor ignorassem quem ele era, mas as palavras de Marinville incutiram-lhe o que Satoshi só poderia chamar de terror.

– O que exatamente eu devo fazer? – perguntou Satoshi.

– Não se preocupe com detalhes. Nós temos um amigo que está ajudando a manter a gravação longe do conhecimento das pessoas erradas, mas não tardará para que ele não consiga mais fazer nada. Você tem alguma influência junto à Interpol, isso será o suficiente para que você nos faça entrar no prédio para que Carlin possa pegar a fita.

– Carlin também irá, portanto?

– Sim, Carlin tem uma habilidade que se encaixa muito bem para esse tipo de coisa. Aliás, me impressiona saber que o Museu de História Natural grava fitas de segurança hoje em dia. Pensei que tudo fosse gravado em HD.

– Eu não estou a par do sistema de segurança do museu, mas sei que manter um ou outro meio mais antigo é uma boa forma de redundar a segurança.

– É verdade. Quem invade pode não pensar que isso seja uma realidade e negligenciar tal cautela.

Marinville olhou para o papel sobre a escrivanhinha e o pegou. Olhou algo escrito e leu em voz alta: – “Tudo o que sei sobre Satoshi é que ele teve um filho com Annie antes que ela morresse por causa do câncer. Mas o curioso é que ele tem dois filhos, não sei de onde saiu o outro, mas com certeza o mais novo não é seu filho legítimo. Isso é o que sei sobre ele...”.

Satoshi Makoto sentiu seu corpo adormecer. Marinville olhou-o diretamente e continuou a falar, agora sem ler.

– Sabe quem escreveu isso? – perguntou Marinville, ao que Satoshi só agitou um pouco a cabeça negativamente. Ah, ele está morto agora. Essa carta me foi escrita há 15 anos, pouco antes dele morrer.

A boca de Makoto se abriu para emitir algum som, mas a voz lhe morreu na garganta.

– Você deve se lembrar dele ainda, Satoshi – continuou Marinville sem dar atenção à tentativa de falar que Satoshi implementou. Lembra, é claro, de seu amigo Salomon. Foi ele que escreveu essa carta para mim há 15 anos. Sabe como ele morreu?

A voz de Satoshi retornou de um susto e falou quase morrendo mais uma vez:

– Assassinado! – disse Makoto.

– Sim, é verdade. Salomon foi assassinado. Ele pensou que poderia me enganar, tentar me vender. Pobre diabo!

Por quê?! Ele me conhece há tanto tempo assim?!

– Então faz 15 anos que o senhor me conhece?! – perguntou Satoshi revivido.

– 15 anos? Ora, Satoshi, meu amigo, meu velho amigo. Nos conhecemos há muito mais tempo. Fomos companheiros, dividimos o mesmo teto sob a tutela de um mesmo professor que cuidou de nós como só se cuida de um filho. Fomos amigos desde criança. Você, Benjamin, Mizushi, Salomon e eu. Até o dia em que vocês resolveram me matar, lembra-se?

Todo o sangue que havia no corpo de Satoshi Makoto parecia ter-lhe subido até a cabeça. Um só pensamento veio à mente do pobre homem que agora acreditava piamente que estava perdido e, muito pior, seus filhos também estavam. De um salto, quase que por reflexo, Satoshi recuou até próximo à porta e concentrou quase 80% de sua aura nas duas mãos, deixando cada uma delas num estado em que pareciam sair

faíscas de cada uma, como quando uma serra de aço trava uma luta para cortar uma placa de metal.

Marinville conhecia essa técnica, Satoshi bem sabia disso. Era uma técnica especial, só Satoshi conseguia fazer aquilo, todos sempre acreditaram que a aura dele tinha alguma propriedade diferente que permitia que isso acontecesse. Nesse estado, a mão de Satoshi é igual a uma serra ou uma furadeira, porém, mais poderosa. Não houve, até hoje, uma pessoa que pudesse proteger-se de um ataque de Satoshi nesse estado. A força penetrante de sua mão não era parada por quase nada, até mesmo aço amplificado era perfurado. Contudo, para usar tal técnica nas duas mãos simultaneamente, era preciso concentrar muita aura apenas nas mãos e deixar o resto do corpo quase desprotegido. Numa batalha, essa condição é perigosa, mas Satoshi fez isso nesse momento sem nem mesmo perceber. Somente agora ele parava para entender que estava numa situação tão ameaçadora que tentou, involuntariamente, fazer o melhor para escapar.

– Sério? – disse Marinville. Você quer mesmo fazer isso?

Fez-se silêncio por alguns segundos.

– Você sabe que não pode me vencer, Makoto! – disse Marinville, pela primeira vez levantando a voz. Você nunca conseguiu! E hoje também não vai conseguir!

Mais uma vez o silêncio se fez por alguns segundos, até que Marinville voltou a falar, mas com a voz calma e controlada de sempre.

– Não, Satoshi, você não pode me vencer. E mesmo que conseguisse, não conseguiria fugir daqui com seus filhos, então se acalme e faça sua aura voltar ao estado normal. Eu não quero quebrar nada no meu quarto.

Satoshi permaneceu alguns segundos mais na mesma posição, mas seu olhar baixou e suas mãos agora voltavam ao normal. Seu coração, entretanto, ainda estava pulsando desesperadamente. Sua voz não estava mais morta, e o terror que ele sentia agora lhe fez falar ousadamente.

– Você é realmente ele?

– Seu velho amigo Eiji? Sou eu.

Tudo ainda parecia tão irreal que Makoto não conseguia acreditar. Aquele homem. Vivo e em sua frente, com uma aparência muito diferente, com um nome novo e conhecedor de aparentemente tudo sobre Satoshi. Um pesadelo era a definição daquela cena.

– Se você está se perguntando como mudei tanto, é uma longa história que você não precisa conhecer. Basta saber que eu tive de trabalhar para muitos tipos de homens desalmados durante vários anos, até que Sir Ektor me contratou e, literalmente, me fez nascer de novo. Ele viu um grande valor nos meus serviços. Por causa desse grande valor, ele pagou muito caro para que a única pessoa no mundo inteiro que pode mudar digitais e feições drasticamente me fizesse ser outra pessoa. Eu passei a ser Joseph Marinville. Até minhas orelhas são diferentes hoje, você não imagina o quanto aquela mulher pede por uma cirurgia assim, afinal, é um uso para a aura que ela monopoliza. Ganhei também documentos novos e todo um histórico de vida na Inglaterra. Se você pesquisar, verá que nasci em Londres, de pais londrinos, e vivi uma boa vida por aqui. Sir Ektor pagou caro por tudo isso e me colocou a seus serviços até hoje.

– Isso é muito para acreditar – dizia Satoshi, sem nem mesmo olhar na direção de Marinville; ele sabia que se fosse para matá-lo, Marinville já o teria matado.

– É muito, tenho certeza.

– Por que ainda não me matou?

– Matar você? Ficou louco, Satoshi? Nunca me passou pela cabeça matar você. Ainda mais agora que tudo começa a ficar tão interessante. Eu entendo o porquê de

vocês terem tentado me matar. Entendo mesmo. Não vou perder meu tempo com vingança. Contanto que fiquem fora do meu caminho, não há uma só pessoa no planeta que eu deseje matar, principalmente se é alguém como você. Você vai me ajudar, não vai?

– Eu não tenho escolha, tenho?

– Sempre temos uma escolha, Satoshi. Eu fiz a minha muitos anos atrás e, por ter feito, vocês escolheram me matar. Benjamin quase conseguiu, mas isso não vem ao caso. Estou contando essa história a você, meu amigo, para que entenda de uma vez por todas que não tem como livrar-se de mim. Amanhã eu espero sua total cooperação.

– Então você escolheu meus filhos por já saber que eles são meus filhos?

– Essa é a parte engraçada da história: eu realmente não sabia que eles eram seus filhos, foi uma surpresa para mim também. Eu tenho planos que incluem eles dois, mas você foi uma surpresa agradável, Satoshi.

O rosto de Satoshi estava mórbido. Todo seu corpo estava inconstante. Satoshi não sabia como ainda permanecia de pé, mas falou mais uma vez.

– Meus filhos estão seguros, então?

– Já disse. Contanto que não entrem em meu caminho...

– E nós estamos fora do seu caminho?!

– Mantenha a calma, homem. Sim, estão fora dele. E eu simpatizo com cada um de vocês, Makoto. Espero nunca precisar fazer nada contra nenhum de vocês. Bem, isso é tudo. Pode ir, e amanhã esteja pronto, ao meio dia.

Satoshi não se moveu. Continuou parado e olhando Marinville por um instante. Aquele homem alto pareceu incomodado com o escrutínio que estava sofrendo.

– Eu disse que pode ir. Vá – disse ele.

Ao ouvir isso, Satoshi se retirou rapidamente do quarto e andou às pressas ao encontro de seus filhos.

Isso é pior que qualquer coisa! Eu tenho de avisar ao sensei de algum jeito! Eu tenho de fazer alguma coisa e não posso deixar esse homem desconfiar de nada! Por que eu tinha de meter meus filhos nisso?!

Parou de repente, quando ainda se aproximava do salão principal.

Acalme-se homem! Pensar demais não vai ajudar em nada!

Parado em um dos muitos corredores do castelo, Satoshi Makoto fez um esforço heróico para conter o fluxo de seu sangue. Ali, parado, em pleno corredor, respirou fundo várias vezes. Permaneceu quase estático por mais de um minuto inteiro, até sentir que estava menos exaltado e capaz de pensar com relativa clareza.

Agora eu preciso ter calma antes de qualquer outra coisa.

II

– Provavelmente não mais que um dia – respondia Satoshi às perguntas que Brian lhe dirigia.

– E eles querem que o senhor vá sem dizer aonde? – continuou Brian.

– Filho, já chega – dizia com voz complacente. Você já entendeu, não é? Não temos total liberdade, precisamos seguir certas regras.

– Eu sei, pai, mas...

– Você já entendeu, não é, Michael? – perguntou ao garoto sentado em sua cama e de cabeça baixa; sua resposta foi um ligeiro balançar de cabeça afirmativo.

Tal gesto, conjugado ao que seu pai já havia dito, fez com que Brian não mais pudesse falar nada. Fora o suficiente para incutir-lhe o bom senso mais uma vez.

– Já são quase 11 da manhã – anunciou Satoshi Makoto, que agora consultava seu relógio de pulso. É melhor que eu vá agora. Brian, posso contar com vocês dois mantendo o bom comportamento aqui?

Aquela pergunta veio acompanhada de um olhar escrutinador que atravessaria até a alma de Brian, ao menos foi isso que Michael pensou ao ver o rosto do pai. Para Michael, não seria necessária a resposta, pois aquilo era claramente uma ordem e uma ordem que seria obedecida. Mesmo assim, a resposta veio.

– Pode sim, pai – respondeu Brian com a voz quase sussurrante.

– Bom. Sendo assim, já vou indo, garotos.

Não houve outra palavra ou outra ação no quarto até que a porta se fechou atrás de Satoshi Makoto. Foi só então, com o passar de alguns segundos mais, que Brian ousou falar, mas sem olhar para o rosto de Michael.

– O que há com você? Não percebeu que isso não é normal?

Michael sentiu um leve gargalhar interior. Na grande maior parte das vezes, Brian era muito mais prudente e perceptivo que Michael, mas existiam também os momentos em que os sentidos dele pareciam embotar, tal qual pareceu a Michael que acabara de acontecer.

– Você está olhando para o lugar errado, meu irmão – começou Michael, em resposta.

– O quê?

– Você está olhando para a situação estranha e está deixando de lado o que é muito mais estranho. Passou a noite e a manhã inteiras e não percebeu ainda?

– Michael, sem brincadeiras agora! Do que é que você tá falando?

Essas palavras soaram de maneira estranha aos ouvidos de Michael. Era estranho ouvir Brian falar de brincadeiras quando ele era o autor de 99% de todas as brincadeiras pelas quais Michael já havia passado. A situação, entretanto, era muito mais importante que isso, pelo que Michael deixou esse pensamento e focou no que importava.

– Nosso pai, seu cego, passou a noite inteira inquieto. Hoje pela manhã, ele passou horas pensativo, quase não percebia que estávamos aqui com ele.

Fez silêncio por alguns segundos e Michael pôde ver no rosto de Brian o resplandecer do entendimento que estava sufocado.

– Percebeu agora? – continuou Michael. Essa missão, seja certa ou errada, não significa muito. Satoshi Makoto não é alguém que fica perplexo por pouca coisa. Não me lembro de ter visto nosso pai perplexo mais que duas ou três vezes. E, se você parar para pensar, vai lembrar que ele não demonstrou nenhuma vez, nem mesmo uma só vez, qualquer sentimento de temor, ou receio, mesmo depois de já estarmos aqui.

– Então você acha que alguma coisa já aconteceu?

– Tenho certeza! Seja o que for, o pior já aconteceu. Talvez essa missão nem tenha nada a ver com isso.

– Duvido muito. Eu sei que essa viagem tem algo de muito estranho.

– É, talvez. Mas o que assustou nosso pai já aconteceu. É disso que ele está com medo. O que quer que aconteça nessa missão... já não acredito que seja possível impedir.

– E você vai ficar aí sem fazer nada?! – Brian estava quase gritando.

O tom de voz e o sentimento impelido por Brian levaram Michael mais uma vez a rir no interior de sua mente.

– Eu vou fazer o que meu pai disse pra eu fazer. E você?

– Vai “se comportar”?!

– O máximo que eu puder! – respondeu Michael, decidido. Não faço ideia do que aconteceu, muito menos do que vai acontecer. O que será que eu posso fazer de

bom sem saber de nada do que está acontecendo? Me diga. Sem saber de absolutamente nada!

Brian estava visivelmente perturbado com tudo aquilo. Michael agora tinha que acreditar que seu pai sabia o que estava fazendo. Afinal, ele sempre soube. Era possível entender o motivo que deixou Brian instável, mas não esperava esse comportamento do “sempre prudente Brian”.

Brian saiu do quarto, sem nem ao menos dizer uma só palavra a mais, somente pegou sua espada de madeira – que já lhe havia sido entregue – e se foi. Michael não sabia para onde ele próprio iria, nem o que fazer. Porém, sabia que não devia fazer nada fora do normal.

Procurar Carol, claro!

Michael podia não estar tão exasperado quanto Brian, mas não estava calmo. Ele precisava acalmar-se e sabia disso, e só Carol Adams poderia fazer isso naquelas circunstâncias.

Saiu e fechou a porta do quarto. Passou pelo restaurante, onde não havia mais que 10 pessoas, e seguiu sem dar atenção a mais ninguém quando percebeu que Carol não estava lá.

Chegando ao jardim principal e percebendo que ela não estava lá também, pensou de imediato que o local mais provável para achá-la seria na sala de pintura. Não era a hora do dia mais apropriada para pintar, mas Carol não era tão previsível a esse ponto. Quando lhe dava vontade, voltava-se para a pintura e esquecia-se do resto do mundo.

Guiado por tais pensamentos, Michael se encontrou no corredor que ligava o castelo à ala de instrução antes mesmo que pudesse se dar conta disso, tal era a pressa em ver sua amada.

Dessa forma, em menos de um minuto já estava de frente à porta da sala de pintura, a qual foi puxada por ele de imediato.

Ninguém?!

De fato, não havia ninguém naquela sala. Nem Carol, nem nenhuma outra pessoa. Se ela não estava no dormitório e também não estava na sala de pintura ou no restaurante, tampouco no jardim principal... onde estaria Carol Adams?

Michael, de súbito, foi tomado por um sentimento nefasto. As palavras que Brian usara em sua presença ainda há pouco voltavam para desafiá-lo. Será que ele deveria fazer algo? Será que Carol fora atingida pelo que quer que tenha assustado o pai dos garotos? Esse sentimento, fortificado pelos pensamentos que nublaram a mente de Michael, estavam começando a apavorar o pobre rapaz. Sim, pavor! Essa é a palavra certa.

– Michael Makoto?

Como um raio de sol que quebra a escuridão, essas palavras abriram passagem na mente de Michael que, por um momento, se encontrou perdido em seu próprio ser. Era Lenina Hawk, instrutora de programação. Era uma mulher alta, morena e de pele escura, com olhos que, para a maioria dos homens, não seriam difíceis de confundir com pérolas negras de tão belos e brilhantes. Ela não tinha mais de 30 anos, com toda certeza. Era solteira, até onde se sabia, e metade dos homens da Fundação Levine queriam ter alguma coisa com ela. Linda e genial, o tipo de mulher que consegue marcar os homens.

Michael, por sorte, não se sentia muito atraído por ela. O máximo que ele sentia era a admiração normal pela extraordinária beleza que aquela mulher exuberava. Carol tomava demasiado espaço no coração de Michael para que Lenina Hawk pudesse significar algo grande.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.
– Ah... Eu, eu estou procurando pela Carol, minha namorada.
– Sei, conheço a Carol Adams. Eu pensei que você estava indo para a festa que Alexander está dando.

– Alexander Dolton?!

– Isso.

– Ele está dando uma festa?

– Na piscina, bem acima de nossas cabeças.

Aquilo era novidade! Como Dolton estava realizando uma festa e Michael sequer sonhava com isso? Brian também não sabia ou esqueceu de falar a respeito por conta da situação esquisita do dia? O segundo andar é reservado exclusivamente à piscina e é feito de forma a não deixar sair som algum, embora muito bem iluminado pela luz solar nos dias em que esta se apresenta disposta a isso. Era o local mais provável para Carol estar, ou melhor, era o único lugar que poderia estar, agora que já era sabido que ela não se encontrava em nenhum dos lugares de costume.

– A senhora está indo pra lá, instrutora? – perguntou Michael.

– Não me chame de senhora. Chame-me Lenina. Tenho apenas 29 anos e nunca casei. É mais adequado assim. E não, não estou indo para a festa. Estou indo para o laboratório de computação, tenho problemas a resolver.

– Tudo bem, Lenina... certeza que está bem se eu chamar assim? Acho melhor eu ir andando também, Carol deve estar na festa. Até mais!

– Até – respondeu ela, mas Michael já estava à beira da escada, pois corria rapidamente e com novo ânimo.

No primeiro andar, a entrada para o segundo andar era constituída de duas escadas, acessadas cada uma pelas laterais internas do prédio. As duas convergiam para uma porta que dava acesso à piscina. Não foi surpresa para Michael ver que haviam três rapazes guardando a entrada. Não eram todos que podiam entrar numa festa de Dolton. Apenas os membros de seu grupo têm acesso às suas comemorações, seja qual delas for.

A surpresa acometeu o jovem Makoto, entretanto, quando não lhe concederam passagem. Segundo eles, os Makoto não faziam parte do grupo de Dolton.

– E por que não? – perguntou Michael, mais calmo do que geralmente era.

– Se o senhor Alexander Dolton não o incluiu no grupo dele, só ele pode dizer o motivo – respondeu um dos guardiões do portão.

– Está bem. Então me chamem Alexander Dolton, quero falar com ele agora mesmo.

– Ele não está aqui. Mas talvez ainda possa encontrá-lo no quarto dele. É o quarto número...

– 217, eu sei – respondeu Michael completando a frase do homem que agora ficava para trás, pois Michael, mal dera as costas aos três, já desaparecera nas escadas.

Em poucos minutos, Michael estava à porta de Dolton, no 217. Richard Bent estava em pé ao lado da porta, que se encontrava entreaberta.

– Olha só, é o Mike! – anunciou o jovem de aspecto de lenhador.

Sem perder um só segundo a mais, as palavras saíram da boca de Michael certas como uma flecha.

– Onde está Dolton?!

– Está aqui no quarto. Quer falar com ele? – o lenhador falava e deixava sempre a impressão de jocosidade, como se Michael fosse uma criança.

– Sim, eu quero falar com ele!

– Alex! Deixo ele entrar? – gritou.

Como se você fosse me impedir!

– Deixe, Richard – a voz inconfundível de Alexander Dolton veio do interior do quarto.

– É, pode entrar, amigo – disse Bent, fazendo um gesto de falsa cortesia para acompanhar a entrada de Michael.

Ao passar pela porta, Michael percebeu que esta se fechou atrás dele. Tanto melhor para o jovem Makoto, que queria ficar a sós com o jovem Dolton. Ele estava bem a sua frente. Ali, em pé, abotoando um sobretudo branco que não combinava em nada com uma festa na piscina, mas Dolton tinha seu jeito de ser.

– Explique-se – Michael disse isso com uma aparente tranquilidade na voz.

Com um segundo de atraso, Dolton disse o que Michael torcia para que ele não ousasse falar: – Explicar o quê?

O jeito de Dolton era único e conseguia conquistar várias pessoas, mas Michael não podia suportar essa parte arrogante do ser dele. Meses seguidos suportando isso e, agora, num momento em que ele não estava mais com calma, ouvir tais palavras de novo o tiraram do sério.

– Explique o que significa eu não poder entrar na sua maldita festa! Qual o significado de eu não estar mais no seu grupo!

– Ora, mas é exatamente o que parece, meu caro. Você simplesmente não vale tanto quanto eu pensei que valia. Nem você, nem seu irmão. Sabe, recebo informações constantemente, e as últimas que recebi não são favoráveis a sua família, caro amigo.

Dolton falava em sua voz calma e controlada, voz de quem está no total controle da situação. E usou a palavra “amigo”. Michael estava cada vez mais no limite com o jovem Dolton.

– Ah, ia me esquecendo – completou Dolton –, não precisa se preocupar com Carol. Não deixei que o seu valor, Makoto, afetasse o dela. Ela continua fazendo parte de meu grupo.

– Eu vou entrar na sua festa, e vou tirar ela de lá. Fique descansado, Alexander, ela não vai ficar nos seus ombros quando souber que eu não estou mais no seu time.

– Não pode entrar na minha festa, Michael.

Aquilo era demais para o jovem Michael.

– E quem vai me impedir, Dolton? Você?!

– Não preciso, mas poderia, se for necessário.

Michael sorriu.

– Então você vai me impedir? – ao fechar a boca, Michael expandiu toda a aura que podia emitir. Estava clara a intenção dele.

– Você não é forte o bastante pra mim, Michael! Por que acha que Richard nem pensou em entrar aqui ainda?

Michael Makoto não deu ouvidos ao que Alexander Dolton falou. Deu um passo em direção a seu adversário, que agora também emitia uma aura que correspondia facilmente ao dobro do que Michael podia emitir.

– Vai entrar numa luta para perder, Michael? Sem falar que lutas são proibidas aqui, a não ser que...

Dolton teve de se interromper. Michael avançou na direção dele com velocidade máxima. Não havia outra alternativa agora, ele precisaria lutar. Michael preparava um soco com seu punho direito, e isso foi fácil de perceber. A aura de Michael concentrava-se cada vez mais no seu punho direito, por isso Dolton também concentrava sua aura em seu braço esquerdo para defender o ataque.

Michael já estava próximo o suficiente para socar, foi aí que viu o semblante destruído de Dolton, que agora tentava desesperadamente concentrar toda sua aura no

braço esquerdo, mas não podia. Michael Makoto concentrara toda sua aura no punho direito. Toda ela! Resultado de meses de treinamento.

O soco atingiu o braço de Dolton que o defendeu de maneira desajeitada e foi arremessado pela janela para fora do quarto. Michael não percebeu o que Dolton observou: a quantidade de aura em seu punho, no momento do soco, era maior que sua quantidade de aura emitida. Michael não conseguiu perceber isso, pois seus pensamentos foram em outra direção. Antes que Richard Bent entrasse no quarto e o perseguisse, pois Michael pulara a janela para ir até Dolton, um único pensamento teve tempo de atravessar sua mente.

Parece que eu continuo sendo menos prudente que você, Brian, mesmo que nem sempre pareça.

III

Em frente a um edifício de pouco mais de 40 metros de altura, estavam três homens. Era noite, e eles admiravam o prédio do outro lado da rua como se lá dentro estivesse um dragão qualquer saído de um conto de aventura.

– New York está te parecendo meio pálida essa noite, Satoshi? – perguntava Carlin Adams a Satoshi Makoto.

– Nem um pouco, Carlin – respondeu ele indiferente.

O outro homem, que parecia não estar ouvindo o que os outros dois falavam, olhou o relógio pela terceira vez em 15 minutos. Contudo, não parecia ansioso.

– Carlin, ela deveria estar aqui às 6 horas em ponto – falou, por fim, Joseph Marinville. O que você acha que aconteceu?

– Não acredito que tenha acontecido nada. Adrian nunca foi conhecida por sua pontualidade.

– Adrian... eu pensei que seu contato fosse um homem.

Carlin Adams sorriu.

– Nah. Eu costumo me relacionar mais com mulheres. É uma mania minha. E vejam só quem está chegando.

Enquanto Adams falava, um táxi se aproximava da entrada do prédio. Uma mulher alta de longos cabelos negros desceu dele e observou os lados, ao encontrar Carlin Adams com os olhos, dirigiu-se até o outro lado da rua.

– Desculpem o horário – disse ela antes de chegar à calçada –, mas eu tive de resolver alguns problemas antes de vir. Acabei perdendo a hora.

– São só 17 minutos de atraso – disse Marinville secamente, interrompendo qualquer coisa que Carlin Adams poderia dizer. Se esse atraso não nos prejudicar quanto ao objetivo, não há problema nenhum, senhorita.

– O senhor é Joseph Marinville? – perguntou ela olhando o homem mais alto.

– Precisamente – tomou a mão da mulher e levou aos lábios. Encantado, senhorita Genaro.

Adrian Genaro. Um nome tão masculino para uma dona como você!

– Podemos ir agora? – perguntou Marinville por fim.

– É claro. Venham comigo.

Aquelas quatro pessoas entraram no prédio que era, sem dúvida, utilizado pela Interpol. Adentraram o local e dirigiram-se ao quinto andar após passar pela recepção, na qual havia apenas um homem de meia idade que não demonstrou oposição aos convidados de Adrian Genaro.

Foi no quinto andar que entraram numa sala ampla, repleta de aparelhos que aparentemente continham arquivos digitais. Adrian Genaro falou alguma coisa com o

homem que lá estava, este fez uma ligação e prometeu que não levaria muito tempo para que certa pessoa chegasse.

De fato, não levou tempo algum para que um homem de quase dois metros de altura, de aparentes 50 anos de idade, entrasse na mesma sala.

– Hawk? O que você quer comigo? – perguntou o homem.

– Na verdade – pronunciou-se Makoto, que estava um tanto escondido atrás do corpo volumoso de Marinville –, na verdade sou eu que gostaria de falar com o senhor, diretor.

– Makoto?! – o rosto do homem demonstrou grande surpresa ao ver Satoshi Makoto ali.

– Poderíamos conversar, diretor? – prosseguiu Makoto.

– Sim, sim! Santo Deus, eu não esperava ver você aqui, homem! Quer falar comigo e veio até aqui? Se você está aqui, Makoto, eu espero pelo pior sempre!

– A situação ainda não chegou ao ponto que o senhor imagina, mas realmente estou aqui para que ela não se agrave.

Fez-se silêncio por dois segundos até que o diretor retomou a voz.

– Venha comigo até minha sala, lá poderemos conversar.

– Receio que eu também precise ir – disse, de imediato, Marinville.

– Este é Joseph Marinville, diretor – acrescentou Makoto. Ele está aqui para lhe explicar a situação.

O homem fez cara de surpresa mais uma vez.

– Oh, tudo bem. Venham os dois então.

E se foram. Aqueles três homens deixaram para trás os demais companheiros e seguiram para o oitavo andar, até o escritório do diretor Peter Graham. Ao entrar, o diretor fez sinal para que os homens sentassem. O diretor sentou-se em sua cadeira, atrás de sua mesa, enquanto os outros dois homens ocuparam os lugares do outro lado, os quais ficavam a uma distância de quase 3 metros da mesa.

– Senhor Graham – iniciou Marinville –, há poucos meses, Satoshi Makoto e seus filhos uniram-se a mim na Fundação Levine, dirigida por Sir Ektor Levine.

– Conheço-o – disse o diretor.

– Na verdade, desde que o senhor Makoto lá chegou, acredito que não conheço Sir Ektor como pensei que o conhecia. Talvez o seu caso seja o mesmo, senhor.

– Que quer dizer?

– Quero dizer, senhor, que tenho fortes motivos para acreditar que Sir Ektor Levine está envolvido com a organização criminosa conhecida como Mayonaka no Ryu.

– Como disse? – perguntou o diretor com sincera surpresa.

– Repito, senhor, que Sir Ektor Levine está envolvido com a Mayonaka no Ryu – disse Marinville tranquilamente.

– E por que diz isso?

– Sou seu assistente mais próximo, senhor. Desde que o senhor Makoto me despertou certas dúvidas quanto a alguns hábitos de Sir Ektor, eu não pude deixar de suspeitar disso.

O diretor lançou um olhar de relance para Satoshi, que olhou rapidamente para o relógio em seu pulso e voltou a olhar o rosto do diretor, que agora já não lhe dava mais atenção.

– Que querem, pois, os senhores? A denúncia da sua suspeita não requeria que viessem aqui.

– Não quero denunciar, quero verificar por mim mesmo – o olhar do diretor se converteu em pedra. Aquele homem me ajudou em momentos de minha vida nos quais eu estava sozinho. Se ele estiver fazendo algo assim, eu quero entender o porquê.

– Ainda não entendo o que quer de mim – disse o diretor friamente.
– A agente Genaro nos informou de um fato curioso quanto ao incidente no Museu de História Natural. Solicito ver uma determinada gravação que está em seus arquivos, senhor.

– Solicita?! – a surpresa do diretor quase deu lugar ao riso. O senhor sabe o que está me pedindo?

– Tenho ciência de que não é padrão permitir que alguém utilize seus arquivos, diretor, mas esse não é um caso padrão.

– Não faz diferença. É impossível atender seu pedido, senhor Marinville, mas nós mesmos faremos isso, fique descansado.

– Não, senhor, se estamos aqui é porque precisa ser feito por nós! Makoto, você tem de convencê-lo!

Satoshi Makoto estava, mais uma vez, olhando as horas em seu relógio. A voz agora arguta de Marinville lhe chamou à discussão quase como se ele despertasse de um sonho.

– Ah. Sim, diretor, é preciso que o senhor compreenda. Sei que as regras existem por um motivo, mas precisa confiar que não há outro jeito. Eu o diria se houvesse.

– Não posso, Satoshi. Simplesmente não posso!

– Eu assumo todas as consequências, mas precisa nos dar autorização!

O velho homem calou-se por um momento.

– É realmente tão importante assim que seja feito do seu jeito?

– Sem dúvida!

O diretor pegou o telefone em sua mesa e discou alguns números.

– Alan? Permita que Genaro e seu acompanhante verifiquem os arquivos concernentes ao incidente no Museu de História Natural. Sim, pode dar acesso. Estarei aí em um minuto.

Desligou o telefone e olhou para Satoshi.

– Estou confiando em você, Makoto – disse firmemente.

Seu olhar voltou-se para Marinville, a quem observou por alguns segundos. Levantou-se e abriu a porta, quebrou o silêncio apenas para dizer que os outros dois deveriam segui-lo. Em menos de um minuto estavam na sala dos arquivos.

Levou 30 minutos até que Carlin Adams e Joseph Marinville se convencessem de que não estava ali o que procuravam. Foi com pesar que Marinville deixou o prédio sob o olhar fixo do diretor. Pouco tempo depois estavam no avião que voltava para a Fundação Levine. Marinville falava ao telefone.

– Sim, Sua Graça. O arquivo foi apagado, não pode haver qualquer backup dele, e Carlin pegou a fita. Estamos seguros. E, sim, deixei uma pequena pista ao diretor Graham. Ele deve começar a investigar o que queremos imediatamente.

Satoshi, ao mesmo tempo em que Marinville relatava o sucesso da missão, estava sentado, pensativo. Sua aparência era a mesma daquela que ostentava quando iam para New York. Contudo, havia algo diferente em seu semblante. Marinville percebeu isso.

Parece até que você tirou um peso dos ombros, Satoshi.